

GT21: Antropologia(s) Contemporânea(s) e Sofrimento Psíquico

Anaxsuell Fernando, Esmael Alves de Oliveira

Nossa proposta de Grupo de Trabalho parte do pressuposto de que a Antropologia, de longa data, tem contribuído significativamente para a compreensão dos fenômenos associados aos processos de saúde e adoecimento. Apesar da diversidade de perspectivas no interior da disciplina, é possível vislumbrar certo consenso no entendimento de que mudanças ocorridas nas últimas décadas ocasionadas sobretudo por questões de ordem social, política, econômica e tecnológica, e mais recentemente acentuadas pelo complexo cenário político-pandêmico, têm impactado diferentes âmbitos da vida social, de modo geral, e subjetiva, de modo particular. Nesse escopo, desejamos constituir um espaço de diálogo vinculadas/os/es a diferentes áreas disciplinares interessadas/os na compreensão e desnaturalização dos mecanismos de opressão contemporâneos produtores de sofrimento psíquico, cujas causas e efeitos estão longe se esgotarem em um debate biologizante e/ou medicalizante. A premissa aqui adotada é de que a saúde mental é um campo pluridisciplinar e de caráter psicossocial, e, portanto, não circunscrita apenas aos campos psis (psicologia, psiquiatria e/ou psicanálise) e/ou biomédico. Deste modo, serão bem-vindas investigações etnográficas e reflexões teórico-analíticas que estejam interessadas no diálogo entre as Antropologias contemporâneas e o campo psi, comprometidas com uma concepção de saúde mental e sofrimento psíquico como um fenômeno complexo, multifatorial e histórica e culturalmente situados.

"O certo era o psiquiatra ouvir mais os seus pacientes": Reflexões entre a Antropologia e Saúde Mental

Autoria: Milenna Jordana de Sousa Andrade, Gilliard de Oliveira Justino

As noções do que vem sendo considerado de "saúde" e "doença" nas práticas sociais, estão inseridas em uma dimensão social e histórica, através de um modelo biomédico que foi atribuindo noções de "normalidade" e "patologias" no que se refere aos comportamentos sociais, a partir de representações produzidas e reproduzidas ao longo da história, seguindo os mesmos sistemas de valores e significados da sociedade de uma determinada época. Entendemos que, conforme as mudanças dessa relação ter aberto as portas para outros diálogos, estamos diante de duas realidades distintas, uma que lida com a objetividade empírica de pesquisas realizadas "em" seres humanos (com saber biomédico), por outro lado, a dimensão simbólica de pesquisas realizadas "com" os sujeitos num campo de negociação e a construção do saber (com o viés antropológico) (ANDRADE, 2020). No que se refere aos desafios nos estudos que envolvem os contextos das vidas de sujeitos que constroem as suas experiências nesse campo de pesquisa, em particular, na saúde mental, se apresenta para as ciências sociais e, em particular, para a antropologia, um campo de estudos e reflexões que nos apresentam possibilidades no contexto em que essa expansão, proporciona novos diálogos entre os saberes sobre o campo da Saúde nas interfaces das Ciências Humanas e Sociais. Autores como, Maluf (2010), Sarti (2010), Velho (2003), ressaltam a importância da interdisciplinaridade nas interfaces entre a antropologia e a psiquiatria, assim como, os próprios desafios encontrados durante a realização do trabalho do antropólogo nesse cenário de pesquisa. As reflexões que compõem este trabalho, retoma esse debate sobre os apontamentos históricos em relação às experiências sociais que, receberam respostas de tratamento por uma ciência que delinea o adoecimento do indivíduo, como também nos direciona ao contexto atual e emergente, a partir das mudanças sociais ocorridas no sistema terapêutico na contemporaneidade, e de como foram-se legitimando novas práticas de atenção e cuidado para com os sujeitos e as suas singularizações de adoecimento. A partir dessas considerações, poderemos construir um

espaço de debate, partindo sobre as investigações etnográficas que nortearam esta pesquisa, ressaltando a importância do papel do trabalho do antropólogo que, está inserido no contexto de um espaço institucional do campo de pesquisa da saúde, nos possibilitando pensar sobre a relação dos diversos olhares presentes sobre o mesmo fenômeno social, como também, nos perguntarmos, qual é o nosso lugar, em particular, da saúde mental e das ciências sociais nesse debate.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

